DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

Medalha Barão de Studart

Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira

4 de Janeiro de 1985

Agraciado com a "Medalha Barão de Studart", galardão conferido pelo Instituto do Ceará aos que lhe prestam assinalados serviços, devo confessar que recebo com humildade este gesto de generosidade de meus pares, cujo trabalho no setor cultural tem contribuído decisivamente para o engrandecimento desta instituição quase secular. A todos, o penhor dos meus sinceros agradecimentos.

Ostentar ao peito a comenda que traz o nome e a efígie do grande cearense Guilherme Studart é motivo de justo orgulho mas, também, pesado fardo de responsabilidades, pois que o Barão é a representação viva do nosso sodalício, em todos os seus momentos de luta, de dificuldades e de glória.

Parece que ainda o vejo cruzando, em passos curtos e lentos, a Praça do Ferreira. Seu fraque e seu chapéu-coco inconfundíveis tornavam ainda mais respeitável aquela figura humana. Os mais velhos apontavam-no aos filhos: aquele é o Barão de Studart, padrão de dignidade e de amor à nossa terra.

Da união de John William Studart e Leonísia de Castro Barbosa, ele de sangue inglês e ela de rija estirpe cearense, nasceu, a 5 de janeiro de 1856, o primogênito Guilherme, crescendo em lar tranqüilo e recebendo aprimorada educação.

Inicia seu aprendizado no "Ateneu Cearense", de João de Araújo Costa Mendes mas, aos 12 anos, deixa Fortaleza, acompanhado pelo pai, e se matricula no "Ginásio Bahiano", de Abílio César Borges.

Em Salvador, destaca-se nos estudos e, terminado o curso preparatório, é convidado a lecionar Inglês, Geografia e História do Brasil, no mesmo educandário.

Aos 16 anos ingressa na Faculdade de Medicina e, ao formar-se, defende tese e decide regressar a Fortaleza. O Ceará estava saindo da calamitosa seca de 1877 e enfrentava nova estiagem. O sertanejo abandonava o campo ressequido em busca da Capital e Studart logo se entregou à ingente tarefa de socorrer flagelados, levando-lhes o conforto de sua visita e o bálsamo que aliviava as dores.

Sempre atuante, participa dos grandes eventos sociais, beneme-rentes e culturais. Assim, quando se inicia a luta pela libertação dos escravos, engaja-se, não na carbonária "Sociedade Cearense Libertadora" mas no não menos atuante "Centro Abolicionista 25 de Dezembro", por ele fundado, o qual batalha pela manumissão dentro da lei e da ordem, através de pregação abolicionista.

Católico praticante e caridoso, desde estudante filia-se à obra vicentina à qual se dedicou com tal empenho que, por indicação de Dom Joaquim José Vieira, o Sumo Pontífice Leão XIII concedeu-lhe o título de Barão da Santa Sé, a 22 de janeiro de 1900.

Do Centro Médico Cearense foi sócio fundador; da Academia Cearense de Letras, membro assíduo e dedicado; do Magistério, professor de elevado conceito, projetando-se com sua *Geografia do Ceará* editada em 1924. Releva notar sua dedicação a esta Casa e à História do Ceará.

A ele se deve grande parte da valiosa documentação referente às primeiras expedições vindas à nossa terra, assim como o conhecimento dos principais personagens que por aqui passaram e aqui viveram.

É na busca da verdade histórica, nas monografias e estudos que nos legou, nos documentos que trouxe à luz, no seu anseio de rebuscar arquivos, que vamos encontrar a vocação heurística, traço marcante do Barão de Studart tão bem registrado e sutilmente assinalado em carta que lhe faz o grande Capistrano de Abreu: "O Ceará é incontestavelmente o estado cuja história está mais investigada. Como seria bem se houvesse para Pernambuco um Guilherme Studart..."

Sobre o Barão de Studart diz João Hipólito Campos de Oliveira, estudando os Presidentes do Instituto do Ceará *(Revista do Instituto do Ceará* — Número Especial — 1977): "Tendo sido o mais jovem dos sócios fundadores, pois tinha, em 1887, 31 anos de idade, nascido que fora em 1856, é ainda hoje o sócio de maior longevidade social: 51 de labor no Instituto. Mais de meio século, dentre os 82 de sua existência inteiramente consagrados ao Instituto..."

De uma centena e meia de obras que nos legou, três, principalmente, são de manuseio indispensável a quem se propõe a conhecer o Ceará: *Datas e Fatos para a História do Ceará, Geografia do Ceará* e *Dicionário Biobibliográfico Cearense.*

Certo é que a vida do Barão de Studart toda ela constitui um exemplo de honradez, abnegação, altruísmo e dedicação à cultura e à pesquisa. Tempos houve em que, para manter vivo o Instituto, realizava as sessões em sua própria residência, pois é sabido que a agremiação, durante 79 anos, transferiu-se sucessivamente para dependências anexas à Biblioteca Pública, à Assembléia Legislativa e ao Arquivo Público. No antigo Grupo Escolar Rodolfo Teófilo encontrou sua sede própria, doada pelo Estado do Ceará, no Governo Plácido Aderaldo Castelo. Ainda assim, por conveniência da Universidade Federal do Ceará e do próprio Instituto, essa sede ainda seria permutada pelo prédio que hoje ocupa.

* *

Relembrando as dificuldades vencidas e vislumbrando o próximo centenário do Instituto do Ceará senti, no exercício da sua presidência, o peso da responsabilidade que me cabia como guardião das tradições e do valioso acervo da instituição.

Reunida a Diretoria, consultamos engenheiros e arquitetos: Liberal de Castro, Frederico Moreira e Marrocos Aragão. Apelamos para o Banco do Nordeste, na pessoa de seu Presidente, Dr. Camillo Calazans. Recorremos aos Secretários Luis Marques e Joaquim Lobo de Macedo; aos Reitores Martins Filho, Paulo Elpídio e Anchieta Barreto e ao Diretor Walter Teófilo, da Universidade Federal; ao Chanceler Ayrton Queiroz, da Universidade de Fortaleza. Pedimos a colaboração do Cel. Paulo Airton, da Empresa Industrial Técnica

(EIT) e de Benjamim Torres, da ZARLON. Ao citá-los, reiteramos o agradecimento do Instituto.

Assim, foi possível, durante estes quase dois anos, melhorar as salas Paulino Nogueira e Beni Carvalho; mobiliar o salão D. Pedro I; consertar uma tesoura danificada, no telhado; recuperar o cofre forte de 2 portas; remodelar totalmente o Auditório; adquirir estantes de aço para livros, jornais e mapas; aprovar um projeto para o aproveitamento do andar térreo; obter substancial doação do BNB (dez milhões de cruzeiros, a fundo perdido).

A reforma maior se processou no andar térreo onde foram substituídas as redes elétrica e hidráulica; instaladas a Biblioteca, Hemeroteca e Mapoteca; construídas salas de consulta para visitantes e sócios; preparados gabinetes para a Diretoria e salão de reunião; reservados locais para instalação da secretaria e administração.

No campo cultural, além das sessões ordinárias, realizamos três (3) sessões solenes para a admissão de novos sócios e outra para comemorar o centenário da Abolição dos escravos no Ceará, ocasião que se apresentou para publicação de número especial da Revista do Instituto. A exposição de livros raros e jornais do século XIX alcançou pleno êxito.

No setor administrativo, além da aprovação da Lei Municipal n.º 5784, de 13 de dezembro de 1983, reconhecendo o Instituto como entidade cultural de utilidade pública, já bastante adiantamos expediente semelhante para reconhecimento na esfera federal. Cuidamos, também, do registro em Cartório do Estatuto e da nova Diretoria, assim como da atualização do CGC junto à Receita Federal, para fins de isenção fiscal. O levantamento do patrimônio em móveis e utensílios foi tarefa da qual se desincumbiu nosso Tesoureiro Rubens de Azevedo.

No setor pessoal, apelamos para o Secretário de Cultura e obtivemos a cessão de 4 (quatro) funcionários e uma bibliotecária; a Universidade Federal cedeu-nos uma secretária. Uma bolsista auxilia a bibliotecária.

Não foi muito o que conseguimos realizar, diante dos parcos meios disponíveis. Muito resta a fazer, incluindo-se prioritariamente

o exame, seleção e catalogação de milhares de livros ainda conservados em estantes sem serem manuseados.

Permitam-me agora agradecer a José Caminha Alencar Araripe que tão gentilmente interpretou o sentir dos consócios do Instituto do Ceará, em relação a minha pessoa, as palavras rebuscadas de amizade e benevolência com que examinou aspectos de minha vida e de minha atuação na presidência deste sodalício.

A João Hipólito Campos de Oliveira devo um agradecimento especial pela iniciativa de sua proposta para a concessão da Medalha que acabo de receber. Seu gesto é o coroamento de uma amizade que nasceu ao tempo de nossa meninice e se firmou na agradável convivência, no Colégio Nogueira, com ele e seus dois irmãos, alunos diletos do grande Mestre Joaquim Nogueira, a quem presto minha comovida homenagem.

Aos dedicados e incansáveis companheiros de Diretoria e aos demais consócios meu agradecimento pelo seu nobre gesto de apoio e pela sua inestimável colaboração, em todas as ocasiões.

Por fim agradeço aos ilustre convidados, à Imprensa e a todos quantos aqui trouxeram o calor de sua presença, contribuindo para tornar mais honrosa a venera com que acabo de ser condecorado.